

As nuvens, aqui eu cito
As ondas do mar imenso
Tudo aquilo que se move
Que desce ou está em ascenso
Música que faz da vida
Esse movimento intenso

60

Assim, justiça e bom senso
Foram usados pra tudo
Varrendo o mundo maluco
Do Belzebu cabeludo
Que ficou bobo de espanto
E de vergonha está mudo

61

Um dia, se não me iludo
Um Anjo ia passando
Curioso, veio ver
E logo foi se espantando
Dizendo: "Aqui era Inferno;
E mudou-se desde quando?"

62

E todos, homem e mulher
Mudaram, enfim e na raça
O que a fábrica fazia:
Se era brasa e fumaça,
Tridente, espeto e caldeira
Tudo sumiu da praça

57

Cansada dessa desgraça
A classe trabalhadora
Fez o seu próprio projeto
Como classe produtora:
Foi fabricar a beleza
E a poesia da aurora

58

Em vez da dor opressora
Fabricava o infinito
As estrelas luminosas
O rio, que canta bonito,
E mais fabricava o povo,
Com seu trabalho bendito

59

Seguiram estrada fria,
Escura, aquela tristeza...
O diabinho, escondido,
Sorria com esperteza
Que Santo desconhecia
Uma cruel safadeza.

15

Deu-se a seguinte proeza:
No dia em que morreu Santo,
Os patrões logo correram
Procurando em todo canto
Falar com o Belzebu
Propondo um acordo e tanto.

16

Sem nem perguntar por quanto
Pediram pra não deixar
Que Santo fosse subindo
Até o Juízo encontrar
Porque dali, era certo,
Que no Céu iria entrar.

17

A VIDA ETERNA DE SANTO

por Laerte Coutinho



“AQUI É O CASTIGO ETERNO”
Estava escrito lá em cima
E o diabo completou:
“Eterno com Inferno rima
Já é pra desanimar
Porque aqui ninguém se anima.”

19

Seguindo a trilha fatal
Com um certo medo interno
Tudo escuro à sua volta,
Aquele clima de inverno,
Santo viu surgir a porta
Negra e sebossa do Inferno!

18

Belzebu, a gargalhar
A gargalhada infernal
Topou o acordo, e mandou
Seu mensageiro fatal.
E aí, já sabem vocês,
E Santo se dando mal.

“Mais um recado eu preparo
Esse o último, o terceiro
Diga pra toda a classe
Para todo companheiro
Que o povo organizado
Há de vencer, altaneiro”

70

“Ajuda a classe valente
A compreender bem no claro
Se a morte é preço bem alto
A indiferença é mais caro
Assim na vida encarei
Assim na morte eu encaro”

69

“Nem um instante sequer
Esqueço do amor da gente
Que nos uniu todo o tempo
E interrompeu bruscamente
Mas lembre que a minha morte
Não se deu inutilmente”

Este crime verdadeiro
Estarreceu a nação
Santo morreu ali mesmo
O rosto colado ao chão
Quando a bala de um policia
Atravessou-lhe o pulmão.

1

Neste ano uma tragédia
Caiu sobre o povo inteiro
Tombou morto um operário
Ferido em tiro certo
Foi Santo Dias da Silva
Trabalhador brasileiro.

Santo contra o Inferno

E assim lhe disse o maldito:
“Santo, pode ir parando
Que eu tenho ordem expressa
E já vou executando
De levar você pro Inferno
Já estão lhe esperando.”

10

E lá ia o lutador
Pro seu destino infinito
Quando barrou-lhe o caminho
Um diabinho esquisito
Santo sentiu nessa hora
Que já ia haver conflito.

9

Na vida em nenhum momento
Desagradou ao Senhor.
Pelo contrário, fez tudo
Que ordena o Criador
Dedicou-se aos companheiros
Com nobreza e valor.



anto falou então:
Meus companheiros de fato!
stam a mesma sina
o mesmo destino ingrato;
ntemos como na Terra,
nidos num Sindicato!”

51

plaudido foi o trato
bem cedo foi cumprido
ois o trabalhador sabe
or ter lutado e aprendido
samente na unidade
que jamais será vencido

52

elzebu, espavorido,
untou os cães num segundo
abo no meio das pernas
oi pro Inferno mais profundo
nde não chega nenhum
rabalhador desse mundo

53

O horror estava pronto:
Não tinha ali nem saída
Nem hora pro cafezinho
Sempre a função repetida
De sofrer depois da morte
O sofrimento da vida.

33

E Santo viu definida
A sina de prisioneiro
Viu que daquele jeito
Não haveria exagero
Em dizer que aquele Inferno
Era o Inferno verdadeiro.

34

Mas como um bom companheiro
Sempre valente e altivo
Já clareou sua mente
E um pensamento ativo
Aflorou, chegando à boca
No momento decisivo.

35

Bufando alto, dizia:
“Já vais saber o teu fim
Aqui vai penar no duro
Que eu determino assim
Estás sob a lei do Cão
És servo do Coisarum!”

24

Santo falou: “Eu vim
Sem saber por que direito
Me expliquem o que acontece
Porque já vejo o malfeito
Se houver enganação
Pra brigar eu tenho peito!”

25

Belzebu ficou desfeito
Vermelho, verde e laranja
Parecia discoteque
Que cor e barulho esbanja
Olhou pro Santo bem sério
Por baixo da negra franja.

26

anto falou então:
Meus companheiros de fato!
stam a mesma sina
o mesmo destino ingrato;
ntemos como na Terra,
nidos num Sindicato!”

51

plaudido foi o trato
bem cedo foi cumprido
ois o trabalhador sabe
or ter lutado e aprendido
samente na unidade
que jamais será vencido

52

elzebu, espavorido,
untou os cães num segundo
abo no meio das pernas
oi pro Inferno mais profundo
nde não chega nenhum
rabalhador desse mundo

53

Santo não pediu arrego
De frente àqueles patifes
Jogou o relógio de ponto
E cortou um todo em bifés
A satãzada ia nele
Que nem o mar nos recifes

42

Santo agarrou um nos chifres
Dele fazendo um porrete
E destronca tudo em volta
Que contra ele arremete
Arreventou com um monte
Usando deste macete

43

Tinha tanto diabrete
Que Santo não dava conta
De repente percebeu
Que outra briga desponta
Tinha mais gente na luta
E a diabada ia tonta

44

O horror estava pronto:
Não tinha ali nem saída
Nem hora pro cafezinho
Sempre a função repetida
De sofrer depois da morte
O sofrimento da vida.

33

E Santo viu definida
A sina de prisioneiro
Viu que daquele jeito
Não haveria exagero
Em dizer que aquele Inferno
Era o Inferno verdadeiro.

34

Mas como um bom companheiro
Sempre valente e altivo
Já clareou sua mente
E um pensamento ativo
Aflorou, chegando à boca
No momento decisivo.

35

Bufando alto, dizia:
“Já vais saber o teu fim
Aqui vai penar no duro
Que eu determino assim
Estás sob a lei do Cão
És servo do Coisarum!”

24

Santo falou: “Eu vim
Sem saber por que direito
Me expliquem o que acontece
Porque já vejo o malfeito
Se houver enganação
Pra brigar eu tenho peito!”

25

Belzebu ficou desfeito
Vermelho, verde e laranja
Parecia discoteque
Que cor e barulho esbanja
Olhou pro Santo bem sério
Por baixo da negra franja.

26

anto falou então:
Meus companheiros de fato!
stam a mesma sina
o mesmo destino ingrato;
ntemos como na Terra,
nidos num Sindicato!”

51

plaudido foi o trato
bem cedo foi cumprido
ois o trabalhador sabe
or ter lutado e aprendido
samente na unidade
que jamais será vencido

52

elzebu, espavorido,
untou os cães num segundo
abo no meio das pernas
oi pro Inferno mais profundo
nde não chega nenhum
rabalhador desse mundo

53

31

74

Vamos agir sem demora
Trazendo mais companheiro
Pra junto se organizar
Como ensinou, altaneiro,
O Santo Dias da Silva,
Trabalhador brasileiro!

73

Assim falou, meu leitor
E o recado está agora
Entregue na sua mão
Sendo lido nesta hora
E recado é o caminho
Da classe trabalhadora

72

“Seja nesse mundo inteiro
Seja no Inferno, onde for,
Unido e organizado
Ele há de ser vencedor
Acabando a tirania
E derrotado o opressor”

2

Direitos cedidos ao PORANDUBAS
Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo

tels.: 864-3271, 864-4028 - CGC 51.233.203/0001-69

São Paulo, Brasil

OSONÉ EDITORIAL LTDA. - Rua Caetés, 84, Perdizes,

Volume 2 da coleção "O Povo e seus Poetas"

Conceição Cahu - Produção gráfica: Jaime Prades

Cópia: Luta no Inferno Jaime Leão/Trabalho Bendito

De Laerte Coutinho

A vida Eterna de Santo ou Santo contra o inferno.

TERCEIRA EDIÇÃO CORRIGIDA
MARÇO 1980

sobre a morte.

vo: na luta, na morte e na vitória
tem coragem de cantar o seu po-
eta. Como um dos poetas que
Aqui vamos conhecê-lo como
da imprensa sindical paulista.
novar a linguagem e os recursos
anos, dedica-se ao projeto de re-
como o artista, cartunista, chargista,
senhista, Laerte é conhecido como de-

7

14

Eu lhe sigo e você guia.”
Disse ao demônio: “Vá indo,
No ramo, desconhecia
Que, por certo, sendo novo
Na vida que ele vivia
Devia haver agravantes

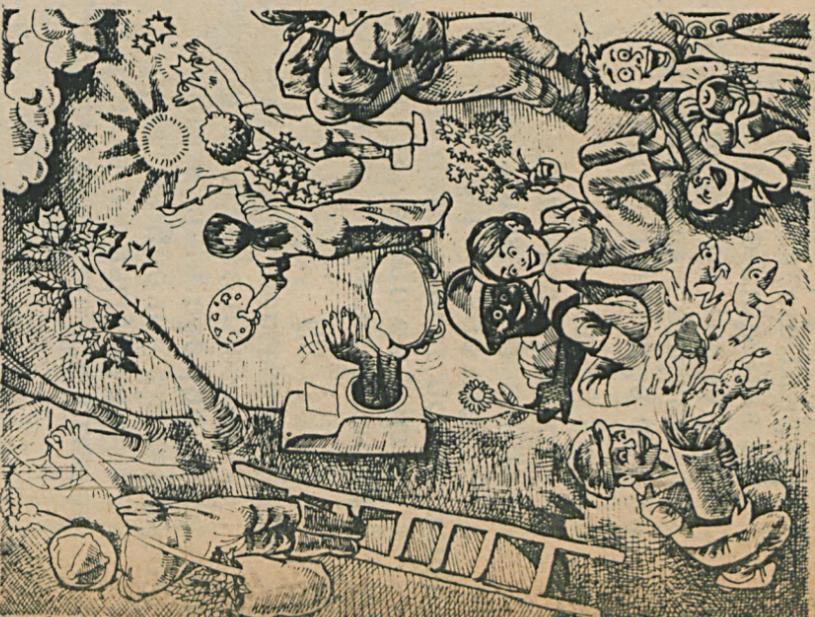
13

Nunca ter morrido antes.
E, além de tudo, um fato:
Do diabinho os mandantes
Não sabia quem seriam
As ordens tão humilhantes
Aceitou, a muito custo,

12

Mais pra injusto que pra justo.
Sem saber se se quilo era
Do diabinho ou de tu
De frente à figura feia
Levando um susto
O Santo quando no cif o no

26



E o movimento fecundo
Que nesses versos eu conto
Conseguiu uma vitória
Que deixou Belzebu tonto
O velho Inferno caiu
E outro surgiu, de pronto

54

Novo relógio de ponto
Já funciona ali, sem mola
Seu tique-taque é um samba
Do Paulinho da Viola
A jornada de oito horas
É quatro, se der na bola

55

Quanto à hora extra, o bitola
Que entrar numa sequer
Tem um castigo horrroso:
Ir pra praia que quis
Passar um mês bronzendo
Com quem melhor lhe aprou

56

Santo falou: “Quando vivo,
Não me dobrei ao patrão,
Reclamamos o direito
Na nossa organização
Do que aprendi na vida
É essa a maior lição.”

36

“Não sei qual a condição
Que me trouxe à profundeza
Mas disso tudo que vejo
Que é exploração, dou certeza
E, igual eu fiz na Terra,
Vou combater com firmeza”

37

A diabada, já acesa,
Gritava, todinha em coro:
“Belzebu, dá jeito nele!
Faz trabalhar feito mouro!”
E Belzebu, estourando,
Gritava: “É desaforo!”

38

“Ofende o nosso decoro
Sua atitude ilegal
Ninguém do lenho se livra
Tá pensando que é o tal?
Não quis trabalhar por bem,
Pois vai trabalhar por mal!”

39

E, num barulho infernal,
Surgiram assim do nada
Quinhentos minidemônios
Das trevas em cavalgada
Quinze e Treze e
Mostrando a garra afiada

40

Dos ares, em revoadada,
Capetas que nem morecego
Com gases lacrimogêneos
De deixar qualquer um cego
De mil e tantos Satãs
Belzebu fazia emprego

41

E Santo via chegar
 Marias, Flávios, Miguéis
 Mil milhares de Joões
 Carlos, Walteres, Josés,
 Ivanis e Severinos,
 Cleusas, Fábios, Manoéis,

48

E juntos, milhões de pés,
 Como nunca se assistiu,
 Marchando, unidos, vencendo
 De cambulhada o canil
 Gritando: "Eu sou o povo
 Trabalhador do Brasil!"

49

E Santo então pressentiu:
 Todos morreram na ação
 E todos eles no Inferno
 Sob a mesma maldição
 Vítimas do feio trato
 De Belzebu com o patrão

50

"Isto aqui não é canja
 E ninguém vai ter moleza!
 Vais trabalhar dobrado
 Suando que é uma beleza
 Hora extra todo dia,
 Umas quinze, com certeza!"

27

Santo olhou a redondeza
 E quase caiu pra trás.
 Viu uma fábrica imensa
 Suja, com gases mortais
 Máquinas perigosas
 E ruídos infernais.

28

Viu tudo isso e viu mais:
 Um torno que fabricava
 Caldeiras, garfos gigantes
 Que a diabada usava
 Pra espetar e assar
 A alma que ali penava.

29

Existe mesmo é um trato
 Entre polícia e patrão
 Nós sabemos muito bem
 De onde vem a decisão
 Se um dedo aperta o gatilho
 Alguém deu ordens pra mão.

6

Mas peço a vossa atenção
 Pro que vou contar agora.
 A vida nobre do Santo
 Já se gravou na História
 Falta contar o relato
 Depois que ele foi embora.

7

Santo, ao romper da aurora,
 Foi subindo aos firmamentos
 Para enfrentar o Supremo
 Dos Supremos Julgamentos
 Foi sem medo ou receio
 Pois tinha merecimentos.

8

Uma esteira rolava
 Produzia em vez de peças
 Brasas, carvões fumegantes
 Em várias, muitas remessas
 Queimando a carne das gentes
 Deixando as marcas impressas.

30

E nesse mundo às avessas
 O que o Santo percebeu
 É que tinha semelhança
 Com o mundo que conheceu
 Que tudo se repetia
 No inferno negro de breu.

31

E mais pra ver ainda deu:
 Ali no relógio de ponto
 Em vez de hora e minuto
 Um ponteiro andava tonto
 Marcando séculos, anos,
 Sem descanso e sem desconto.

32

Na dor, na forte emoção
 Uniu-se todo o Brasil
 Ao desconsolo da esposa
 E no enterro que se viu
 Uma grande multidão
 Juntou mais de vinte mil.

3

A morte cortou o fio
 De uma vida combativa
 Santo morreu defendendo
 A classe, com força viva
 Um bravo trabalhador
 Da luta nunca se priva.

4

Uma desculpa evasiva
 Arrumaram para o fato
 Disseram que foi no rolo,
 E que houve desacato
 Mas sempre o policial
 É quem começa o maltrato.

5

A confusão tava pronta.
 Santo pensou: "Comigo
 Deve haver mais companheiros
 E quem vier é amigo
 Lado a lado com tal gente
 Até com Belzebu brigo!"

45

Buscando melhor abrigo
 Pôde enxergar no sarilho
 Os companheiros de luta.
 Veio em seus olhos um brilho
 De emoção quando viu
 O Manuel Fiel Filho

46

E vinha no mesmo trilho
 O Vlado Herzog a lutar
 Martinez, que em 17
 Na greve foram matar;
 João Rodrigues da Silva,
 Um companheiro exemplar

47

"Diga que ele vai prestar
 Conta à Justiça Divina
 Mas, no que me diz respeito,
 Minha alma não lhe incrimina
 Já perdoei o que fez
 Que a sua mente não atina"

66

"Deve é buscar a vacina
 Pra o veneno do patrão
 Que quer vencer nossa mente
 E já norteia sua mão
 Que compreenda seu erro
 Ao atirar num irmão"

67

"Segundo dos três que vão
 É o recado à mulher
 E aos filhos que lá ficaram
 Que lute o mais que puder
 Tenha coragem pra tudo
 Que pela vida vier"

68

Tendo tudo conhecido
 Disse a Santo: "Eu já vou.
 Parto agora pra Terra
 Se quiser, recado eu dou."
 Santo, lembrando do tempo
 Em que era vivo, falou:

64

"Anjo, tu sabes quem sou
 E para quem vais falar
 Três recados eu lhe peço
 Para na Terra entregar
 O primeiro é ao PM
 Que a mim veio a matar"

65

Ele Botou Santo no Inferno

Conheci Laerte na Escola de Comunicações da USP, onde fomos colegas e trabalhamos no CA. Seu desenho era uma constante em todos os cartazes e publicações estudantis. O Laerte era uma espécie de patrimônio da gente, de que nos orgulhávamos. A vida caminhou mais um pouco e o "nosso chargista" ganhou prêmios no Salão de Humor de Piracicaba, mandou coisas para Graphis, fez capas de Veja, etc, etc. Agora, colabora na Oboré com a imprensa sindical e desenha na Gazeta Mercantil. O leitor do Porandubas o conhece das capas das edições nº 15,16,17,20.

Na presente edição, Laerte mostra outro aspecto de seu talento, como escritor de cordel, acerca da morte do metalúrgico Santo Dias da Silva. Desta forma PORANDUBAS presta sua homenagem a este operário, que esteve entre nós várias vezes, contribuindo com sua vivência. (Jorge Claudio-editor).

"Meu desenho, em grande parte, está vinculado à notícia e ao enfoque específico do jornal, sindical, econômico, etc. Ao lado disso, entro com minha intenção própria: estou preocupado em formar opinião e não, por exemplo, em dar "furos jornalísticos". Sempre me liguei muito em desenhar, me atraía o humor do Saturday Evening Post (o tipo do humor americano da década de 50).

O desenho de humor tem uma característica esquisita. Quando você lê um editorial, você o discute, o associa à linha do jornal, etc. Já o desenho

de humor é meio consenso, algo meio cristalizado: daí sua força e sua responsabilidade porque o leitor não o discute. Até Freud se ocupou disso num livro seu sobre o humor e o inconsciente: o humor é um golpe no pensamento lógico-racional e por isso não admite discussão a não ser o confronto com outra piada. Ora, como o fazedor de piada é muito raro, esse confronto quase não existe.

Por sua vez, a poesia também é um golpe no racional. Não sou poeta mas posso ver como humor e poesia têm alguma parceria entre si. Sempre brinquei com rimas, do tipo "todo saco um dia fura e nenhum chato se cura".

SANTO

Quando o Santo morreu, eu quis fazer algo a respeito mas senti que as charges eram pouco. Precisava ser algo mais chegado à reportagem mas que tivesse a força indiscutível da charge, aliada à beleza poética. Não poderia deixar de ter humor; essa "coisa" poderia ser até engraçada. Contudo, o fato foi trágico... e aí? Meio intuitivamente fui lendo a poesia de cordel, que é uma verdadeira reportagem popular, carregada de humor e vestida de poesia. Puxei um pouco pelo discurso-padrão que inicia os cordéis: depois que se começa, não é possível parar mais. O fato do assassinato do Santo ganhou tons graves. Depois vem o desbunde, a imaginação do depois da morte. Os folhetos freqüentemente apresentam encontros de Padim Ciço, Lampião com o demônio.

Aí pensei: "o que é o inferno?" Vi que são as coisas que agredem a vida do trabalhador, é a fábrica. A estória foi caminhando até que chega na transição da formação do inferno, que não muda de

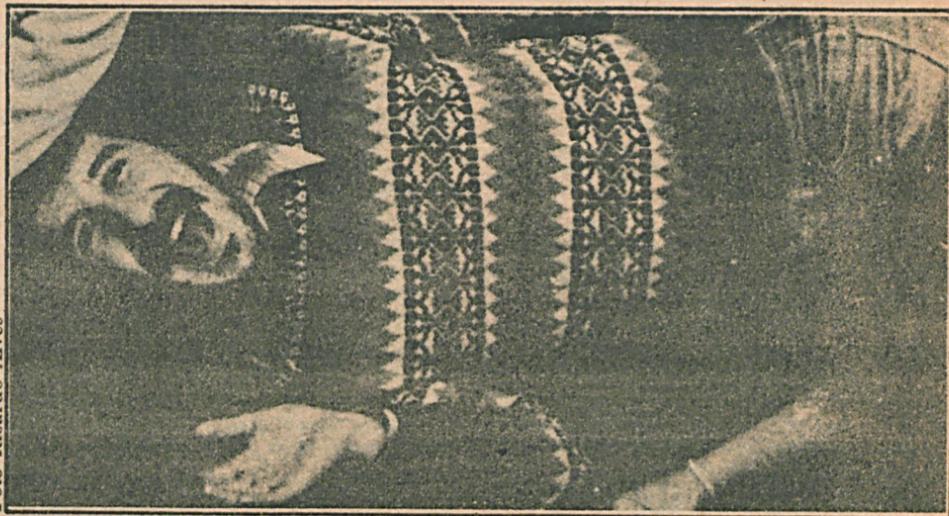


Foto Ricardo Alves

moda, (mas o povo convive perfeitamente com essas situações) mas passa a ser aprovado por Deus. Senti que pude dar um recado politicamente justo nesse relato.

MULTIPLICAÇÃO

Os direitos desse folheto foram cedidos à Comissão de Solidariedade aos Metalúrgicos Demitidos; ao Sindicato dos Jornalistas, na venda avulsa pela Igreja e agora vem a publicação no Porandubas. A reação das pessoas

tem me agradado muito. Há operários que levam o cordel para casa e o lêem com a família, foi lido também no Teatro Municipal de SP num show do Paulinho da Viola; no fim vários bilhetes, pessoal do teatro foram aos bastidores dar os parabéns.

Uma coisa que ficou bonita foi também a colaboração de ilustradores como o Jayme Leão, a Conceição Cahú, o Elifas Andreatto e a foto do Jacó Bittar

Nas páginas 5 a 8 — que compõem uma folha única, frente e verso — PORANDUBAS publica o cordel de Laerte Coutinho. Destaque a folha, dobre-a quatro vezes, geometricamente, até for-

mar o conjunto de 30 páginas de que consta o poema. Para sua facilidade, comece a dobrar a partir da capa, que se vê à direita da página 5. Depois, é só recortar as bordas e grampear.

Teologia da Periferia

Durante dez noites, deu-se a Utopia: o Povo na Universidade.

Seguramente não foi o público que o TUCA está acostumado a receber. Muitos chegaram direto do trabalho e após as sessões precisaram tomar 3 conduções para chegar em casa. Havia também um número maior de negros do que o habitual. No geral, gente de mão calosa, que durante dez noites frequentou a Universidade, talvez pela primeira (e a última?) vez. Em nenhuma noite a freqüência de 1.500 pessoas caiu e, quase sempre, havia gente nas escadas. Era um público envolvido, batendo palmas com freqüência, se emocionando com intensidade, cantando junto

com os conferencistas. Isto ocorreu dias 21 de fevereiro a 1º de março. Curso "A Igreja na América Latina". Participantes em sua maioria vindos de Comunidades de Base. O povo na Universidade: finalmente, embora por pouco tempo.

Tamanha mobilização popular foi um sinal expressivo de que a Teologia da Libertação, mais que moda passageira, nasceu mesmo dos meios mais oprimidos da população. Não adiantaram pressões indiretas providas de setores reacionários da Igreja, para que Bispos da América Latina não comparecessem, ou que D. Paulo levasse um "pito" de um Cardeal que ouvira o galo cantar em tupi-guarani e não em latim... O encontro teve 2 momentos: de um lado os 160 teólogos de 42 países do 3º Mundo refletindo e aprofundando a relação entre Evangelho e Libertação total dos oprimidos. De outro, mais de 1.500 pessoas todas as noites, sem arredar pé, manifestando o quanto a



Foto Maristela Maffei

Daniel, Frei Betto, Descoto: noite da Nicarágua

reflexão daqueles teólogos era importante para seu próprio engajamento.

O Congresso Internacional Ecumênico de Teologia foi o quarto encontro promovido pela Associação de Teólogos do 3º Mundo (ASETT). A ASETT promove o intercâmbio entre teólogos e cristãos do 3º Mundo entre si e com as minorias pobres dos países desenvolvidos, além de integrar

Teologia e Ciências Sociais e também as comunidades engajadas na transformação social. Os encontros da ASETT começaram em 1976 na Tanzânia (com Nyerere presente), depois em Gana, a seguir no Sri Lanka (antigo Ceilão) e finalmente em São Paulo. Pretende-se realizar ainda uma reunião de avaliação e uma outra em que haverá um diálogo com os teólogos do 1º